

# EUCALYPTUS CITRIODORA

ALCEU DE ARRUDA VEIGA

Tornar-se-ia enfadonho, se pretendêssemos, nas páginas desta Revista, mencionar fatos comprobatórios, concernentes à sensibilidade do citriodora, no que se refere ao ato da repicagem em caixas, segundo o processo bastante comum preconizado às várias espécies dessa Mirtácea. Não é mesmo nossa finalidade procurar mostrar aos leitores, o motivo exato dessa aludida sensibilidade, uma vez que já serviu de assunto para demasiadas citações, em inúmeras literaturas, bem como constituiu motivo para determinada defesa de tese... Entretanto, a título de curiosidade, faremos questão de colocar em relevo, a maneira mais prática de se proceder à sua propagação, evitando-se, de maneira notável as enormes perdas que se têm constatado no decurso de sua experimentação. Assim vejamos: o citriodora, que quando com suas fôlhas definitivas, conforme é do conhecimento de todos, não oferece qualquer facilidade ao operador, na procura do êxito, tem-se comportado de maneira idêntica às demais espécies do gênero em questão, ao ser repicado alguns dias depois de sua germinação. Aliás, alguns autores já fizeram detalhadas referências a respeito, mostrando o motivo principal que nos leva ao fracasso ou sucesso...

Desde que a sua primeira transplanta seja executada com a muda possuidora, apenas, do primeiro par de fôlhas, a que denominam de "orelhas de onça", qualquer variante da aludida operação dará resultados positivos. Pois, tanto fará ao lavrador repicar as suas mudas para balainhos, como em cai-

xotes, desde que não apresente modificação na forma de transplante...

Quanto a nós, temos procedido de várias maneiras, se bem que em tôdas tenhamos alcançado ótimos resultados. Naturalmente, opinaremos pelo caminho que possa dispensar a repicagem, pelo motivo de que a muda não sofrerá solução de continuidade em seu desenvolvimento, além de que evitaremos os gastos obrigatórios da mão de obra dessa operação.

Desde início de nossos trabalhos, procuramos seguir vários rumos: a) sementeira a lanço, em canteiros, para depois repicá-las em determinados vasilhames; b) sementeiras em caixas, guardando-se as distâncias comuns de mais ou menos 5 centímetros, colocando-se duas ou três sementes em cada covinha, para, futuramente, proceder ao desbaste da excedente; c) sementeira em tubos confeccionados com material idêntico ao de uma caixa de fósforo, na proporção de 2-3 sementes para cada tubo.

Qualquer um dos três processos se nos apresenta como bastante viável, não havendo, mesmo, razão para que dêmos preferência para um determinado. Entretanto, frizamos novamente, a sementeira direta em tubos ou caixas para 50 mudas, será mais econômica, oferecendo também maiores probabilidades ao alcance do sucesso, porquanto a questão de repicagem que nos "causa arrepios", ao lembrarmos do citriodora, é inteiramente posta de lado...

Conforme o nosso intento, exposto em princípios desta modesta contribuição, não iríamos entrar em uma porção de detalhes já postos à baila pelos entendidos do assunto. Nem constitui nossa imposição, no referente a se restringir, unicamente, àquela maneira de disseminação citada acima. Pois, haverá, com tôda a certeza, grande número de pessoas que, interessadas nesta valiosa espécie vegetal, venham chegando, talvez, a conclusões esclarecidas que possam divergir das nos-

sas, mostrando caminhos menos árduos a atingir a meta final.

Todavia, satisfazemo-nos em tornar público, uma norma prática que tem por objetivo um maior incremento na cultura desta Mirtácea...

Como resumo de nossos trabalhos, aconselharíamos, pois, a cultura do *Eucalyptus citriodora*, da seguinte forma: sementeira ou repicagem em tubos, fabricados com material utilizado na confecção das caixas de fósforo. Estes tubos apresentam a vantagem de poderem ser utilizados para duas repicagens desde que o espaço de tempo entre ambas não seja demasiado longo e que na composição da terra empregada para o seu enchimento, não haja qualquer substância passível de provocar uma rápida deterioração de seu material. Além disso, consegue-se um torrão perfeitamente consolidado, fácil de ser trabalhado pelo lavrador menos hábil.

Nestas condições, quer tenhamos semeado 2 ou 3 sementes para cada tubinho, quer executemos a repicagem de suas mudinhas, quando compostas, apenas, do seu par de "orelhas de onça", iremos proceder à sua transplanta definitiva, quando a plantinha alcançar, aproximadamente, um palmo de altura (20 a 30 centímetros), não se esquecendo de separar o referido tubo do seu torrão, o qual não se desmanchará com facilidade, tal é a enorme quantidade de raízes entrelaçadas.

Fácil será, pois, perceber-se o enorme êxito que alcançaremos, de vez que o plantador estará de posse de uma muda, cujo sistema radicular se acha inteiramente intacto...

Naturalmente, torna-se necessário o emprêgo de embiras ou barbantes para amarrar cada tubinho, bem como caixas ou qualquer outro vasilhame que venha, com suas paredes laterais, servir de apóio ao mesmo.

Os tubos receberão, individualmente, a mistura de terra que será, a seguir, socada. E, após serem depositados, digamos, dentro de uma caixa, deve-se, com uma pá, preencher o espaço estabelecido entre êles, com determinada porção de terra.

afim de que o diâmetro dêsse tubos permaneça invariável, desde o início de sua consecução...

O citriodora possui sementes relativamente grandes, quando comparadas às demais espécies de eucalipto. De acôrdo com os nossos dados, a sua germinação tem tido início 10 dias depois de sua sementeira. E, temos executado a sua repicagem, com ótimos resultados, 10 dias depois de sua germinação.

A utilização do estêrco, para apressar o desenvolvimento de suas mudas, bem como das inúmeras espécies pertencentes a essa Mirtácea, tem que ser precedida do maior cuidado possível. Aliás, se não estiver bem curtido, provocará o amarelamento e queima das plantinhas, sendo que nos casos de sementeira, a porcentagem germinativa será bem falha...

Finalmente, devemos lembrar ao leitor, a necessidade de agir cautelosamente com respeito à identificação desta espécie vegetal. Pois, para o nosso ponto de vista, o reconhecimento prático do citriodora e do maculata não conduz o leigo a qualquer distinção entre ambas. Mesmo porque os seus próprios frutos, isoladamente, não facilitam a sua diferenciação a olho nú... É o que acontece, também, entre o *E. robusta* e o *E. longifolia*, entre o *E. tereticornis* e o *E. rostrata*, etc.

Naturalmente, um silvicultor não encontrará dificuldades em mostrar as diferenças que o próprio fuste e a forma do fruto apresentam para cada uma das referidas espécies. Porém, o lavrador que lide pouco com esta essência florestal não terá evidentemente, base para estabelecer tais distinções...

Quando em presença de mudas de 1-2-3 meses, poucas serão facilmente identificáveis, (saligna, citriodora, trabuti, resinífera, tereticornis, rostrata, robusta, etc.), o que nos leva a propor a seleção nos moldes do que já fôra iniciado em Rio Claro, pelo Horto Florestal da Companhia Paulista, evitando, destarte, que o fazendeiro se veja, no futuro, ludibriado, ao se deffrontar com uma espécie diferente da que pretendeu cultivar em suas glebas...